



O *corpus* epistolar de António de Gouveia

Cristina Costa Gomes & João Teles e Cunha
Lisboa

Entre los papeles del *Padre* Gouea halle vnas Cartas ya abiertas, que por cureosidad lei, y me pareçio, visto ser tan risientes, que no abria podido responder a ellas por auerlo impedido su muerte, y consiguiente que a mi me corria obligaçion de responder [...].

Padre Simão Rodrigues (1677)¹

Com estas palavras o Padre Simão Rodrigues contava ao Provincial dos Jesuítas das Filipinas, o Padre Javier Riquelme, o estado em que encontrara o cubículo de António de Gouveia na Residência de Fuzhou após a sua morte. A citação mostra uma das dimensões da vida do Padre António de Gouveia que de seguida vamos explorar – a do seu *corpus* epistolar –, a par da sua faceta de escritor de obras de grande fôlego, como foram a *Asia Extrema* (1644) e a *Monarchia da China* (1654), as quais permaneceriam manuscritas du-

Cristina Costa Gomes é investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Co-Investigadora Responsável do projecto *Res Sinicae*; João Teles e Cunha é investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Investigador Contratado do projecto *Res Sinicae*. Este artigo encontra-se enquadrado no âmbito do projecto de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia intitulado «*Res Sinicae*. Base digital de fontes documentais em latim e em português sobre a China (Séculos XVI a XVIII). Levantamento, edição, tradução e estudos» (PTDC/LLT-OUT/31941/2017), do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ Carta do Padre Simão Rodrigues para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Javier Riquelme, Focheu [Fuzhou] 28/10/1677. Real Academia de la Historia (Madrid), legajo 21, n.º 30, fl. 1 (foliação nossa).

rante vários séculos.² Os «papeles» eram os vestígios materiais de uma longa vida, cujas etapas mais marcantes foram passadas na China, em Macau a partir de 1630 e na parte continental desde 1634 (cf. Gomes 2018: 17-32).

Gouveia, nascido em Portugal em 1592, segundo uns autores, ou em 1594, de acordo com outros, entrou para o colégio da Companhia de Jesus de Coimbra numa data que ainda hoje não reúne consenso, entre 1608 e 1609, com uma possível readmissão ocorrida em 1611, por motivos de saúde ou familiares. Permaneceu em Portugal até 1623, ano em que partiu para a Ásia, aportando a Goa apenas em 1624. Ficou na Índia, onde provavelmente fez estudos de Teologia e ensinou humanidades durante quatro anos,³ antes de partir para Macau, onde, segundo o seu próprio testemunho, viveu entre 1630 e 1633 (cf. Gouveia 2001: 210-219, 327-328). A sua entrada na China continental deu-se em 1634, correndo várias províncias até se radicar no Fujian, em 1643,⁴ e finalmente em Fuzhou, onde se fixou de forma definitiva até falecer em 1677, exceptuando o período compreendido entre 1666 e 1671, quando esteve «exilado» em Cantão [Guangzhou]. Foi durante o «Exílio de Cantão» que desempenhou o cargo de Superior desta Residência, a qual albergava dezanove jesuítas, um franciscano e três dominicanos (entre os quais se encontrava o frade espanhol fr. Domingo Fernández de Navarrete).

Foi ainda nestes cerca de seis anos de Cantão que Gouveia figurou, temporariamente, nos catálogos da Província do Japão, entre 1666 e *ca.* 1669.⁵

² *A Asia Extrema* foi publicada por Horácio P. Araújo em 1995 (vol. I), 2001 (vol. II), 2005 (vol. III) e 2018 (vol. IV), pela Fundação Oriente. *A Monarchia da China* vai ser publicada no âmbito do projecto *Res Sinicae* por Cristina Costa Gomes.

³ «Pater Antonio de Gouea Portoghese [...]. Studiò nella Compagnia la filosofie per anni 4. La Teologia per anni 4. Insegnò grammatica anni 4.», Catalogo fatto nell'anno 1636. della Cina. Archivum Romanum Societatis Iesu (doravante ARSI), *Japonica Sinica* (doravante *Jap. Sin.*), 106, fl. 50-50v (§25).

⁴ «Vinte anos ha, que estou no interior da China, e tenho corrido della seis prouincias; e ainda que entrei tarde [referindo-se ao atraso verificado na sua admissão], contudo alcancei por merce de Deos, e continuo estudo ler pelas cronicas sínicas, como pelas portuguesas [...]», António de Gouveia, *Monarchia da China*, Archivo de España de la Compañía de Jesús (AESI-A), Archivum Provinciae Toletanae Societatis Iesu, M. 96 (227), fl. i (transcrição nossa).

⁵ Cf. Catálogo dos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus da Companhia do Japão em 1666. ARSI, *Jap. Sin.*, 25, fls. 183-183v, 184. Catálogo dos sujeitos da Província do Japão e lugares onde estão de 1667 feito pelo Visitador Padre Luís da Gama em 1667, Macau 30/9/1667. ARSI, *Jap. Sin.*, 25, fls. 190-191. Catálogo dos sujeitos da Província do Japão e lugares onde estão de 1667 feito pelo Visitador Padre Luís da Gama em 1668, Macau 10/12/1668. ARSI, *Jap. Sin.*, 25, fls. 192-193. Catálogo dos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus da vice-província da China em 1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 134, fl. 355. Catálogo dos Padres e Irmãos da Província do Japão e da

Findo o período de Cantão, regressou à sua Residência de Fuzhou, onde teve o jesuíta francês Germain Macret (1620–1676) por companheiro até à morte deste a 4 de Setembro de 1676. Enfraquecido pelos anos e as tribulações da vida, Gouveia pediu um novo companheiro para o ajudar na Residência, mas este não chegou a tempo, pois caindo doente após as missas de Natal em 1676, o jesuíta só teve tempo de pedir a assistência ao padre mais vizinho, o bispo dominicano chinês D. fr. Gregorio Lopez [Luo Wenzao] (1615–1691) que, co-adjuvado pelo dominicano espanhol fr. Francisco Varo, esteve à sua cabeceira até à sua morte ocorrida a 22 de Fevereiro de 1677.⁶

Mais de metade da vida de António de Gouveia, cerca de quarenta e sete anos (1630–1677), transcorreu na China; uma vivência longa e continua que lhe permitiu adquirir conhecimentos e competências linguísticas e culturais que encontramos reflectidas na sua produção textual balizada entre 1636 e 1675, de acordo com os dados actualmente disponíveis. Deste universo de textos podemos distinguir três tipologias:

- 1) obras de autoria própria e em colaboração;⁷
- 2) cartas anuais (1636–1675);⁸
- 3) correspondência activa.

Vice-Província da China em 1673, s/l s/d [1673]. ARSI, *Jap. Sin.*, 25, fls. 204-204v.

⁶ Cf. Carta do Padre Simão Rodrigues para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Javier Riquelme, Fochu [Fuzhou] 28/10/1677. Real Academia de la Historia (Madrid), legajo 21, n.º 30, fl. 1 (foliação nossa).

⁷ Aqui, em autoria própria, temos as já referidas *Asia Extrema e Monarchia da China*, bem como o pequeno Catecismo *Tianzhu shengjiao mengyin yaolan* 天主聖教蒙引要覽, composto por Gouveia em Fuzhou e aí editado, com o prefácio, datado de 1655, do governador manchu do Fujian, Tong Guoqi 佟國器 (g. 1653–1660), mecenas e apoiante dos missionários. Quanto a obras em que participou, conta-se *Progressus et incrementum Fidei ac Christianæ Religiones apud Sinas. Seu prosecutio Annalium Sinensium Societatis Jesu Reu. Patris Nicolai Trigautis. A morte R. P. Matthai Riccij ad nostra usque tempora concinnata maxime ex commentarijs R. P. Antonij Gouea eiusdem Societatis Jesu* (ARSJ, *Jap. Sin.*, 107, fls. 3-277), à qual Gouveia juntou os seus comentários, conforme refere o título, ao texto deixado inacabado pela morte do Padre Trigaut em 1628. Numa outra obra, a *Innocentia Victrix*, Gouveia participou na sua edição enquanto Vice-Provvincial e Superior da Residência de Cantão, atribuindo-se a sua composição ao Padre François de Rougemont (cf. Standaert 2001: 185; Golvers 1996: 157-188).

⁸ As partes das cartas anuais da China de 1636 a 1649 da autoria de António de Gouveia encontram-se transcritas e editadas com uma introdução (cf. Araújo 1998). As cartas posteriores, onde Gouveia participou como autor da relação referente ao Fujian e à sua residência de Fuzhou, de 1652, 1657, 1660, 1661, 1662 e 1675, ainda estão por editar, mas não serão objecto de edição pelo projecto *Res Sinicae*, nem serão analisadas no âmbito deste texto.

No âmbito deste estudo iremos apenas analisar a última tipologia, porque as cartas anuais já foram objecto de publicação parcial e de análise por parte de Horácio P. Araújo. Além das cartas de sua autoria, também recorreremos às missivas que lhe foram dirigidas. No conjunto da correspondência activa e passiva poderemos ainda estabelecer uma distinção temática entre escritos oficiais, relacionados com os seus cargos de Superior e de Vice-Provincial na Companhia de Jesus, e outros, em menor número, onde reconhecemos traços de cunho mais pessoal.

O *corpus* epistolar que se conseguiu apurar até ao momento evidencia uma ligação à natureza oficial dos escritos e à forma como estes foram preservados. A maior parte dos documentos identificados encontra-se em repositórios de uma centralidade indiscutível, caso do arquivo romano da Companhia de Jesus (ARSI), mas também em outros com uma importância regional para os locais onde decorreu a vida de António de Gouveia na China: Macau e Pequim (através dos manuscritos transcritos no colégio macaense dos Jesuítas a meados do século XVIII e hoje preservados na Biblioteca da Ajuda em Lisboa), e também Manila, nas Filipinas (cujos fundos documentais se encontram actualmente em Espanha, na Real Academia de la Historia, em Madrid, e no Archivo de España de la Compañía de Jesus, em Alcalá de Henares).

O próprio *corpus* epistolar que se conseguiu identificar aponta para a existência de missivas cujo paradeiro actualmente se desconhece. Em 1646, por exemplo, numa relação composta com materiais referentes ao Padre Francesco Sambiasi (1582–1649), aparecem pelo menos menções a duas missivas cujo rasto não se encontrou em qualquer arquivo e biblioteca. Uma delas era dirigida ao Padre João Cabral, Vice-Reitor do Colégio de Macau, e outra ao próprio Sambiasi.⁹ Mas daquela que seria uma das séries mais longas temporalmente na correspondência de Gouveia, a trocada com a Província Jesuíta das Filipinas em Manila, apenas conhecemos duas missivas para as datas terminais: 1647 e 1676 respectivamente. A carta

⁹ «O Padre Antonio de Gouuea, que dantes não approuaua, que o Padre Francisco Sambiasi vestisse A cabaya, ou champao, que traz por insignias Reais huns dragões, na carta, que escreueo o Mayo passado ao Padre João Cabral que era Vice Principal deste Collegio diz assy: Se os dragões do Padre Sambiasi hão-de sayr com tão boas partes, digo que traga não so dragões, mas Aguias, e Aue fenis. Em outra que Escreue ao Padre Sambiasi, diz assy. Em todo cazo he bem, que sayão os dragões pera gloria de Deos, e da Missão [ass.] Antonio de Gouuea» («Relação das coisas que aconteceram ao Padre Francesco Sambiasi na China e em Macau», s/l s/d [1646]. ARSI, *Jap. Sin.*, 123, fl. 143v).

mais antiga, datada de 17 de Fevereiro de 1647, faz inclusivamente menção a cartas enviadas por Gouveia para Manila desde 1643, quando chegou a Fuzhou, das quais nunca obteve resposta e que possivelmente não sobreviveram.¹⁰ Aliás, esta não é a carta original, mas sim uma transcrição feita em Manila da qual há duas cópias.¹¹ A prova da sua continuidade temporal é-nos fornecida pelo testemunho do Padre Simão Rodrigues, em 1677, que encontrou entre os papéis de Gouveia uma carta do Provincial jesuíta das Filipinas, o Padre Riquelme, datada provavelmente de 1676 e ainda por responder.¹² Um derradeiro testemunho para esta correspondência em falta. Sabemos, pela resposta do destinatário, que o Padre Gouveia escreveu uma carta de Cantão para o governador da diocese de Macau, fr. Miguel dos Anjos, a 6 de Janeiro de 1670, mas não encontramos o original nem uma cópia desta.¹³

A eventual inexistência destas e de outras missivas também está, em parte, relacionada com os arquivos, nomeadamente o do próprio Gouveia. Não nos podemos esquecer que as convulsões políticas ocorridas na China, a exemplo das registadas durante a mudança dinástica, podem ter contribuído para dispersar ou destruir os cartórios/arquivos das Residências provinciais. Disto possuímos uma prova indirecta em 1669, quando os Padres Gabriel de Magalhães, Lodovico Buglio e Ferdinand Verbiest receberam

¹⁰ «Reuerendo Padre prouinzial quatro Años a que estoy en esta metropoli de Foquien, y no se a pasado ninguno que no aya escrito a *Vuestra Reuerencia* comunican[do]le las nuevas desta mission y Reyno, porque se quanto las desean y estim[an] *Vuestra Reuerencia* y todos los Padres y Hermanos desa Santa Prouinzia Pero nun[ca] e tenido respuesta» (Cópia de uma carta para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Rafael Pereira, Fochufe [Fuzhou] 17/2/1647. Archivo Provincial de Toledo de la Compañia de Jesus (Alcalá de Henares, Espanha), fl. 1, foliação nossa).

¹¹ Para além da guardada em Alcalá de Henares (veja-se nota supra), há outra transcrição desta carta preservada na Universidade do Minesota, James Ford Bell Library, fje, «Jesuit correspondence collection, Manchu China», s/ff.

¹² «Entre los papeles del Padre Gouea halle vnas Cartas ya abiertas, que por cureosidad lei, y me pareçio, visto ser tan risientes, que no abria podido responder a ellas por auerlo impedido su muerte, y consiguiete que a mi me corria obligaçion de responder en primer lugar a *Vuestra Reuerencia* como primera fuente de donde mano tan grandiosa Limosna, el 2. lugar al Padre Reitor Padre Procurador Padre Mesina y tambien al *Reuerendo Padre* Prior de Santo Domingo, pues assi me consta ser la voluntad del Gouea, [...]» (Carta do Padre Simão Rodrigues para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Javier Riquelme, Fochu [Fuzhou] 28/10/1677. Real Academia de la Historia (Madrid), legajo 21, n.º 30, fl. 1, foliação nossa).

¹³ «A Carta que *Vossa Reverenda Paternidade* foy servido escrever-me em 6 de Janeiro, me foy entregue aos 12 do mesmo» (Cópia de carta de fr. Miguel dos Anjos, governador da diocese de Macau, para o Padre António de Gouveia, Vice-Provincial da China; Macau, 18/1/1670. Biblioteca da Ajuda, doravante BA, 49-IV-62, fl. 417).

uma prenda das mãos do «Quarto Régulo» composta por quadros com imagens cristãs, que lhe tinham sido oferecidos pelo governador de Fujian, suspeitando os três jesuítas que teriam sido furtados das igrejas locais.¹⁴

Não nos podemos esquecer como as condições de transporte destas missivas podem ter influenciado o seu desaparecimento. A correspondência trocada com outros continentes, especialmente a Europa, desaparecia frequentemente vítima de naufrágios ocorridos quer entre Macau e Goa,¹⁵ quer entre a Índia e Portugal. À medida que o número de naufrágios aumentou no século XVII, tornou-se habitual escrever mais de uma via e tentar canais de comunicação alternativos para que a carta chegasse ao seu destino. Assim, uma carta de Gouveia para o Geral da Companhia, o Padre Giovanni Paolo Oliva (1600–1681), em 1670, teve três vias, duas das quais seguiram por Goa e uma por Manila.¹⁶ Mas as dificuldades registadas no caminho também ocorreram na China. Mais uma vez os distúrbios políticos foram determinantes nestas adversidades de comunicação, bem como na confiança depositada no correio que as transportava. Conhecem-se estas provações pela correspondência trocada entre Pequim e Cantão entre 1666 e 1671. O Padre Gabriel de Magalhães queixou-se por diversas vezes, como em 1667, da quebra de comunicação entre Pequim e Cantão desde 1666 e da falta de um mensageiro credível.¹⁷

¹⁴ «O quarto Regulo nos mandou chamar o dia de Sam Silvestre nos deo huma lamina de nosso Senhor de S. Lucas aos pez da Senhora, de outra banda nossos Sanctos Padres Jgnatio, e Francisco Xavier pintura muito fina, excellente, e primorosa, fasquias de pao preto muito bem feitas, obra Europea, e por fora outra fasquia de cultura (?) (não sey o nomem deste pao em portuguez) obra china mas muito perfeita: (...): Esta Santa imagem mandou cim nan vao, que esta na provincia de Fokim ao quarto Regulo: Deos sabe se o furto da Igreja o Padre Antonio de Gouvea pode resolver a duvida» (Carta dos Padres Gabriel de Magalhães, Ferdinand Verbiest e Lodovico Buglio, Pequim 18/1/1669. BA 49-IV-62, fl. 532, sublinhado nosso).

¹⁵ Recordar que os holandeses da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais (Vereenigde Oostindische Compagnie, VOC) bloquearam a navegação portuguesa pelo Estreito de Malaca, a partir da década de 1620, e ainda a dificultaram mais com a conquista de Malaca em 1641, e atacaram todas as embarcações até 1663.

¹⁶ «Depois de ter despachadas as Vias pera Vossa Paternidade duas pola India, e huma por Manilla, se offereceram alguns pontos que deuo propor a Vossa Paternidade» (Carta autógrafa para o Geral da Companhia de Jesus Giovanni Giovanni Paolo Oliva (?), Cantão [Guangzhou] 6/3/1670. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 297).

¹⁷ «De 12 de Outubro passado de 1666, (dia, em que partirão desta Corte Leão, E Donato) té o prezente Abril de 1667 não tiuemos occasião de escrever a Vossas Reuerencias, como dezejamos; porque ainda que em Feueireiro passado fomos auizados de hum christão, que pera essa Metro-pole partia hum seu conhecido, Criado do Regulo, que nella assiste; foy com tanta pressa, que não pode os Padres Luis Bulho E Fernando Verbiest escreuer tanto, quanto auia, E dezejauão escreuer; (...). Agora, que estou ja valente E bem disposto, graças a Diuina Magestade, E por

Para além destas explicações exógenas, cabe referir também dois factores endógenos ligados com a materialidade dos próprios documentos e os locais onde foram guardados. Em primeiro lugar, temos a fragilidade do suporte, em particular quando usavam papel de arroz, um material mais abundante e barato que o papel europeu na Ásia Oriental, que em conjunto com o clima húmido local dificultava a sua conservação. Em segundo lugar, a história dos próprios arquivos, especialmente os ligados à Companhia de Jesus, mas não só, levou à dispersão e à destruição de documentação após 1758.

1. Radiografia de um corpus epistolar em aberto: definição, cronologia e intervenientes.

Face a todas as condicionantes mencionadas, o *corpus* epistolar de António de Gouveia é ainda um campo de trabalho em aberto. Apesar do levantamento e da inventariação sistemática levada a cabo nos diferentes arquivos e bibliotecas portuguesas, europeias e norte-americanas, a evidência da própria documentação mostra que pode haver mais cartas de António de Gouveia ou a ele dirigidas que ainda não foram localizadas.

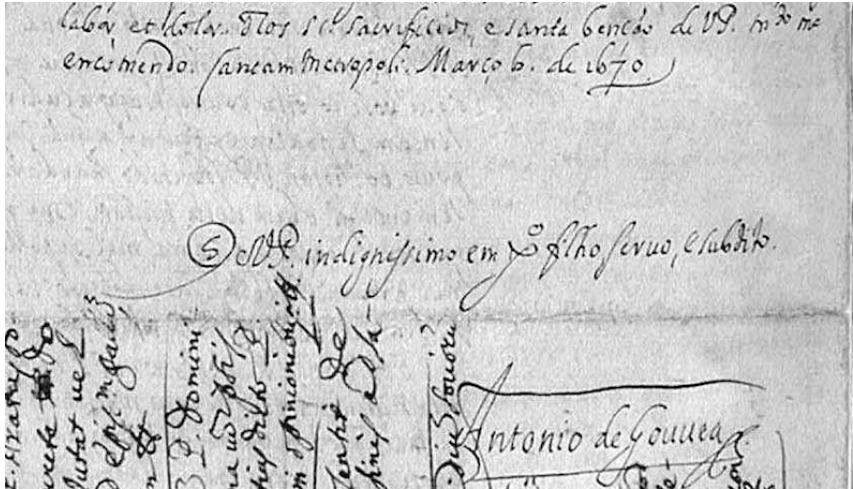


Imagem 1. Assinatura autógrafa do Padre António de Gouveia, S.J., numa carta endereçada ao Geral da Companhia de Jesus, Giovanni Paolo Oliva, e datada de 6 de Março de 1670 (ARSI, Jap.Sin. 162, fl. 298v.)

ter o Portador seguro, quero escrever a Vossas Reuerencias [...]» (Borrão autógrafo da carta do Padre Gabriel de Magalhães, s/l [Pequim] Abril de 1667. ARSI, Jap. Sin., 162, fl. 169).

Tratando-se de manuscritos, a falta de uma inventariação e catalogação exaustiva e individualizada de arquivos e bibliotecas dificulta muito a tarefa dos investigadores.

Tendo em conta estes constrangimentos materiais e arquivísticos, constituímos até ao momento um universo documental composto por vinte e duas cartas, algumas das quais com mais de uma via (transcritas na sua totalidade) e com uma dimensão variável (algumas das quais extensas, com quarenta fólios), que dividimos pelas seguintes categorias:

- 1) correspondência activa – quatro cartas escritas por António de Gouveia;
- 2) correspondência passiva – dezoito cartas dirigidas ao Padre Gouveia.

Esta documentação está integralmente transcrita e ficará disponível para o público em geral no núcleo dedicado a António de Gouveia na plataforma digital do projecto *Res Sinicae*. Avançamos, desde já, que outros manuscritos de natureza biográfica do Padre Gouveia também serão publicados nesta plataforma, mas não vão ser analisados no âmbito deste estudo, embora sejam referenciados quando contêm indicações para uma melhor compreensão da sua correspondência.

Na epistolografia de António de Gouveia fizemos uma opção clara de não incluir, transcrever e editar as cartas ânuas, os textos ditos de autoria activa, por estas já terem sido parcialmente publicadas por Horácio P. Araújo, como já referimos. Situação que contribui para o número actualmente reduzido de cartas de António de Gouveia. Por outro lado, como já aludimos anteriormente, o projecto privilegiou trabalhar os materiais inéditos e por publicar, nomeadamente a sua última obra de grande dimensão – a *Monarchia da China*.

O *corpus* epistolar seleccionado foi redigido num arco cronológico compreendido entre 1647 e 1671, ou seja, durante vinte e quatro anos, com tempos de permeio sem termos encontrado qualquer documento datado destes anos em falta. Nestes quase trinta anos de testemunhos escritos destacamos dois períodos com um maior número de cartas: o da década de 1640, coincidindo com a transição dinástica, e o do «Exílio de Cantão» (1666–1671). Deste modo, encontrámos uma carta activa datada de 1642 e duas para a sua residência em Cantão (uma de 1669 e outra de 1670). Já no campo da correspondência passiva, dezassete num total das dezoito cartas

encontradas foram escritas entre 1667 e 1671, com maior incidência para a época compreendida entre 1669 e 1671 (com catorze missivas). Uma análise mais fina para este último período revela ainda que sete foram redigidas em 1669, cinco em 1670 e duas em 1671.

Correspondência activa de António de Gouveia (1647–1670)

Dia/Mês/Ano	Local de Gouveia	Destinatário	Local do destinatário
1647	Fuzhou	Rafael Pereira	Manila
1653	Fuzhou	Francisco Colín	San Pedro Makati (?)
1669	Cantão	fr. Domingo Fernández de Navarrete	Cantão
1670	Cantão	Giovanni Paolo Oliva	Roma

Correspondência passiva de António de Gouveia (1643–1671)

Dia/Mês/Ano	Local	Remetente	Local onde está Gouveia
1643	Macau	Baldassare Cittadella	Fuzhou
1667	Pequim	Gabriel de Magalhães *	Cantão
1667	Pequim	Gabriel de Magalhães *	Cantão
1668	Pequim	Gabriel de Magalhães *	Cantão
18/1/1669	Pequim	Gabriel de Magalhães, Lodovico Buglio, Ferdinand Verbiest *	Cantão

18/1/1669	Pequim	Gabriel de Magalhães, Lodovico Buglio, Ferdinand Verbiest *	Cantão
16/4/1669	Pequim	Gabriel de Magalhães *	Cantão
17/6/1669	Pequim	Lodovico Buglio *	Cantão
29/9/1669 1/10/1669	Cantão	fr. Domingo Fernández de Navarrete	Cantão
4/10/1669	Cantão	fr. Domingo Maria de S. Pedro	Cantão
31/10/1669	Pequim	Gabriel de Magalhães, Lodovico Buglio *	Cantão
18/1/1670	Macau	fr. Miguel dos Anjos	Cantão
24/1/1670	Pequim	Lodovico Buglio	Cantão
18/1/1670	Pequim	Gabriel de Magalhães *	Cantão
19/4/1670	Pequim	Gabriel de Magalhães	Cantão
1/1/1670	Pequim	Ferdinand Verbiest	Cantão
13/6/1671	Pequim	Gabriel de Magalhães *	Cantão
11/10/1671	Pequim	Gabriel de Magalhães *	Cantão

Legenda: * - Esta correspondência não está endereçada exclusivamente a António de Gouveia

Tais números, contudo, podem gerar interpretações erróneas, já que Gouveia enquanto autor esteve activo durante um período temporal mais alargado de forma comprovada, ou seja, entre 1636 e 1675. Para isto entra em linha de conta o que António de Gouveia escreveu além desta correspondência, nomeadamente as cartas ânuas e as suas outras obras. Além do mais, como já se disse, muitas missivas podem-se ter perdido e outras estão ainda por encontrar em arquivos e bibliotecas. Mesmo assim, englobando todo o tipo de escritos, continuam a existir hiatos temporais de documentação da autoria de Gouveia.

Quem são os interlocutores de António de Gouveia neste *corpus* epistolar? E que teia de relações se descobre nesta correspondência, especialmente nas raríssimas situações em que há cruzamento de cartas?

O universo até agora identificado dos interlocutores de Gouveia é todo religioso, sem excepção. Na sua esmagadora maioria são confrades jesuítas, tanto da China como das Filipinas; e dentro deste grupo, boa parte ocupa uma posição oficial, caso do Geral da Companhia (Giovanni Paolo Oliva), dos Provinciais das Filipinas (Rafael Pereira, Francisco Colín e Javier Riquelme) e do Reitor do Seminário de Macau (Baldassare Cittadella). Exceptuam-se três interlocutores pertencentes a outras ordens religiosas, caso dos dominicanos fr. Domingo Fernández Navarrete e fr. Domingo Maria de S. Pedro, em 1669, e do agostinho fr. Miguel dos Anjos, em 1670, embora este último também ocupasse um cargo oficial, o de governador da diocese de Macau.

Cabe ainda indicar que entre os seus interlocutores habituais, pelo menos para o período compreendido entre 1667 e 1671, se encontram os três padres jesuítas de Pequim, Lodovico Buglio, Ferdinand Verbiest e, sobretudo, Gabriel de Magalhães, que é o autor de onze epístolas. Esta informação, todavia, deve ser completada com duas achegas. Em primeiro lugar, Gouveia é o co-destinatário de dez cartas, sendo o receptor exclusivo de apenas sete missivas. A explicação desta dualidade prende-se com o facto de o trio de jesuítas de Pequim também querer que a comunidade dos sacerdotes do Padroado e da *Propaganda* «exilada» em Cantão estivesse a par dos acontecimentos na capital; reservando para os olhos de Gouveia as missivas de carácter mais oficial.

Em segundo lugar, conhecemos apenas as cartas dirigidas a Cantão, embora a correspondência escrita de Pequim mencione frequentemente as que foram redigidas daquela metrópole do sul da China. Assim, em Abril

de 1667, o Padre Magalhães refere explicitamente como: «De Outubro para cá, recebemos cartas do *Padre* Visitador [Luís da Gama], do *Padre Vice Prouincial* [António de Gouveia], E de algumas de *Vossas Reuerencias* em 25 de Nouembro de 1666». ¹⁸ Novamente, dois anos mais tarde, em 1669, o Padre Buglio, escrevia «Estamos com grandissimo dezejo de ter Cartas de *Vossa Paternidade* as vltimas, que tivemos chegarão ca aos quatorze de Janeiro, [...]». ¹⁹ Tais assimetrias na comunicação prendiam-se com as habituais dificuldades relacionadas com os correios, que parecem ter-se agravado nos anos charneira de 1669 a 1671, mesmo quando se encontravam mensageiros de confiança. O testemunho do Padre Lodovico Buglio é, a este nível, novamente esclarecedor, pois, a 24 de Janeiro de 1670, informava António de Gouveia que «Estavamos esperando com muyta ancia as novas de *Vossa Reverencia* [António de Gouveia], por ser passado muito tempo que nam tinhamos cartas, quando aos 19 de Janeyro chegarão as de *Vossa Paternidade*, e de outros *Padres*, [...]». ²⁰

Assinale-se, novamente, a existência de correspondência trocada por Gouveia com toda uma série de interlocutores na China (Macau, Cantão e Pequim, pelo menos), nas Filipinas (Manila e julgamos que também com San Pedro Makati) (cf. Descalzo Yueste 2015: 407-409) e na Europa (Roma), da qual restam poucos vestígios materiais, embora seja corroborada pelo teor das cartas que lhe são dirigidas. Só temos duas epístolas que comprovam o cruzamento efectivo de correspondência, a estabelecida entre Gouveia e fr. Domingo Fernández de Navarrete, em 1669, curiosamente quando os dois se encontravam sob o mesmo tecto em Cantão. ²¹ Tal troca de cartas, que daria origem a toda uma série de cópias manuscritas e impressas pos-

¹⁸ Borrão autógrafo da carta do Padre Gabriel de Magalhães, s/l [Pequim] Abril de 1667. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 169.

¹⁹ Carta do Padre Lodovico Buglio, Pequim, 17/6/1669. BA 49-IV-62, fl. 545v.

²⁰ Esta carta de Buglio menciona explicitamente as dificuldades sentidas com os correios nesses anos, porque uma das vias enviadas por Gouveia ainda não chegara a Pequim: « por via de hum christão [...] - ya baptizado do *Padre* Rogemonte: Festejamos muito as novas de entender, que todos os *Padres* estavam com saude, e do novo governo de *Vossa Paternidade*, o qual ainda que tardou muito, com tudo foy necessario, neste tempo em que se requiere hum *Padre* de muyta experiencia, e virtude, como *Vossa Paternidade*, para poder dar talho a tantos negocios, que neste tempo insurgirão. Nesta carta *Vossa Paternidade* faz menção das que mandou por via de Lieu da Caza da gnase cum (?), o qual ainda não chegou, e assim nam podemos responder». Carta do Padre Lodovico Buglio, Pequim, 24/1/1670. BA 49-IV-62; fl. 689v.

²¹ Carta de fr. Domingo Fernández de Navarrete O.P., s/l [Guangzhou?] 29/9/1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 162; fl. 293. Carta para fr. Domingo Fernández de Navarrete O.P., Cantão [Guangzhou] 3/10/1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fls. 293v-294.

teriores, como teremos ocasião de referir, justificava-se em função dos debates teológicos havidos então em Cantão, entre os Jesuítas e os padres da *Propaganda Fide*, e de deixar por escrito as posições discutidas e adoptadas. Aliás, há uma carta complementar desta epistolografia escrita entre Navarrete e Gouveia, a de fr. Domingo Maria de S. Pedro, a certificar o testemunho do seu confrade e a louvar a decisão tomada para acalmar o conflito existente entre as duas ordens religiosas na China.²²

Há, no nosso entender, outro cruzamento de missivas tão interessante quanto este de Cantão, o efectuado por Gouveia com toda uma série de interlocutores nas Filipinas entre 1643 e 1676. Julgamos, de acordo com o estado actual da nossa pesquisa, que a correspondência estabelecida por Gouveia com a Província Jesuíta das Filipinas teve sempre um carácter oficial, por motivos que explicaremos mais adiante. Mas, no decurso desta troca de cartas algo se deve ter passado pelo menos com um dos destinatários, o Padre Francisco Colín. Chegaram até nós duas missivas escritas por Gouveia a Colín em 1653, nas quais o jesuíta português descreve a situação na China decorrente da transição dinástica,²³ onde talvez se possa vislumbrar um cruzamento epistolar entre dois homens de letras fora de uma esfera estritamente oficial, os quais estão, por esses anos, a redigir obras com pontos em comum. Falamos da *Monarchia da China* (1654) de António de Gouveia e do *Labor Evangelica* de Francisco Colín, obra a ser redigida por esses anos e publicada postumamente em 1663 (Colín 1663).²⁴ Teremos oportunidade de explorar outras dimensões da correspondência trocada entre Gouveia e os seus confrades nas Filipinas, mas por agora cabe assinalar um dado interessante relacionado com o Provincial com o qual enceta um diálogo em 1647, Rafael Pereira, autor de uma obra intitulada *Relación de los sucessos de las Islas Filipinas en los años de 1640 y 1641*.

²² Carta de fr. Domingo Maria de São Pedro O.P., Kuam chéu [Guangzhou] 4/10/1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 162; fl. 294.

²³ Cópia de duas cartas para o Padre Francisco Colín, Focheu [Fuzhou] 24/2/1653, Focheu [Fuzhou] 9/9/1653. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fls. 1v-2. As duas cartas encontram-se coligidas e transcritas como um único documento, mas não foram completamente copiadas à época, pelo que não conhecemos todo o seu teor.

²⁴ Por volta destes anos, Colín também se dedicava à redacção de outra obra com pontos de contacto com os interesses de Gouveia, nomeadamente, a questão da idade do mundo (Colín 1666).

2. Radiografia de um *corpus* epistolar: eixos temáticos e sua problemática

Perante um universo epistolar activo reduzido a apenas quatro cartas apuradas até agora, não entrando em linha de conta com as ânuas, há limitações naturais quanto à percepção de um estilo pessoal de escrita, não nos permitindo vislumbrar um Gouveia mais intimista. Ao contrário da correspondência de outros jesuítas, nas quais é possível descobrir, ainda que de forma muito limitada, pequenos dados biográficos, a exemplo do seu contemporâneo Gabriel de Magalhães ou ainda de Tomás Pereira,²⁵ na geração seguinte, a escrita de Gouveia aparece objectiva e oficial nas linhas que chegaram até nós. Quem conhece a demais obra de Gouveia, nomeadamente a *Asia Extrema* e a *Monarchia da China*, pode estranhar tal, mas o seu estilo epistolar deve decorrer do carácter e da sua natureza oficial. Isto não é de admirar, porque estamos numa época em que a escrita está altamente codificada, bem como as formas de tratamento, pelo que os seus praticantes seguem modelos conhecidos e usuais.²⁶

Convém assinalar, por outro lado, como nas poucas missivas que temos dele se nota a influência da estrutura narrativa das cartas ânuas, em particular as enviadas para as Filipinas. Este cânone jesuíta foi construído a partir de meados do século XVI, quando as primeiras cartas foram escritas na Ásia e começaram a circular pelas casas da Companhia, onde eram lidas para estimular noviços e padres a emularem os feitos dos missionários no terreno. A sua publicação, a partir de 1549 (cf. García 1993), reforçou o seu pendor canónico e também propagandeou os feitos missionários jesuítas numa Europa marcada por um enfrentamento entre o catolicismo e o protestantismo, quando as novas conversões obtidas a uma escala global

²⁵ No universo das 151 cartas publicadas de Tomás Pereira (cf. Pereira 2011), existem apenas algumas referências biográficas, caso da sua oficina em Pequim (Carta ao Assistente de Portugal Francisco de Almada, Pequim 1/8/1683, p. 102); mãos de artífice (Carta ao Assistente de Portugal Francisco de Almada, Pequim 26/6/1685, p. 106); morte da mãe (Carta ao Assistente de Portugal António do Rego, Pequim 29/10/1687, p. 111); olhos e visão (Carta ao Visitador Francesco Saverio Filippucci, Pequim 13/1/1689, p. 233); e falecimento do pai (Carta ao Padre Geral Tirso Gonzalez, Pequim 16/8/1695, p. 693). A respeito do estilo de escrita de Pereira, veja-se Gomes 2013: 9-21.

²⁶ A este respeito, veja-se a obra clássica de Rocha 2013. Apesar de tratar do caso português, a análise de Crabbé Rocha é válida para os espaços imperiais portugueses e mesmo para os jesuítas, apesar destes poderem ser influenciados por outros modelos de escrita e de epistolografia, nomeadamente, espanhóis e italianos.

compensavam a perda de fiéis no continente europeu. Esta noção de universalidade, entendida tanto na sua missão, como na geografia onde se realizava, atingiu-se plenamente no início do século XVII (1600–1609), com a publicação pelo Padre Fernão Guerreiro de relações anuais que compilavam e sumariavam as cartas ânuas vindas da África, América e Ásia (cf. Guerreiro 1930, Guerreiro 1931; Guerreiro 1942), coincidindo com a o período da Monarquia Hispânica (1580–1640), e das aspirações imperiais globais dos Habsburgo espanhóis (cf. Elliott 1990: 27-49; Bouza Álvarez 2000: 63-108; Parker 2002: 19-38).

A publicação das cartas ânuas facilitou, deste modo, a vida a quem queria seguir o modelo e também a quem participava na sua própria redacção, como foi o caso comprovado de Gouveia entre 1636 e 1675. Donde não ser estranho que na missiva endereçada ao seu confrade Francisco Colín, em 1653, Gouveia tenha utilizado o modelo narrando os acontecimentos políticos ocorridos na China, tecendo comentários sobre o que esperava agora dos novos senhores, os manchus, face aos Ming, e dando o exemplo da conversão da mulher do governador local e dos seus criados como um sinal de melhores tempos que se avizinhariam.²⁷

²⁷ «Las nuevas de la Christiandad en este Reyno son buenas, porque estamos agora los sacerdotes y Ministros del Evangelio mas dessahogados y libres para la comunicacion de sus naturales, Predicacion del Evangelio y administracion de los sacramentos que antes quando Governauan los Chinos. Somos conozidos y respectados de los Mandarines grandes Tartaros. Nadie nos molesta ni pregunta en que ley viuimos. En algunas partes crece el numero de los Christianales por la aplicacion de los naturales que huelgan de saber y entender los Misterios de la Ley de Dios: Y entendidos les reciben. En otras no crece tanto porque sus naturales no se inclinan ni tratan cada vno mas de a su Aumento y comodidad temporal, como son estos Fo Kien estas, y otros. Y a la verdade la conuersion en estas partes es como las Mareas, digamos lo assi **Fluxus et refluxus** [Fluxo e refluxo], crecientes y menguantes, como vimos en la India, Etiopia, Japon y casi todo el Mundo. Va Dios coxiendo las Rosas que le huelen bien y dexando las espinas, hasta inchir el numero de sus Predestinados. Aqui en esta mi Christiandad uvo el Año passado algunas cosas de edificacion y Gloria de nuestro señor. El dia del Patron de España entre en el Yamuén que quiere dezir el Palacio del Púchím su que es el Presidente de la Real Hazienda. Bautize a veynte criadas de su muger Doña Agueda bonissima Christiana. Y este es el Principal estoruo para la conuersion de los Tartaros. De las mugeres abra mayor cosecha quando sepamos y les platiquemos en su lengua materna. Hizome el Mandarin muchos faoures, en bien de esta Christiandad y de la Iglesia que estoy haziendo. Diome algunas limosnas y ornamentos con mas liberalidad de la que solian los Chinos. Oyo Missa con el respecto y Reuerençia de vn Antiquo Christiano: y como tal reza dos vezes al dia delante de vna santa Imagen que le dexe colocada en su oratorio: Y en la misma conformidad proçede toda su família que es de ochenta personas» (Carta para o Padre Francisco Colín, Focheu [Fuzhou] 24/2/1653. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 1v., tradução de latim para português de Arnaldo do Espírito Santo).

As missivas revelam ainda uma outra dimensão de Gouveia, a do linguista, ou seja, a de conhecedor e falante de outras línguas, com a devida precaução imposta pelo reduzido universo da correspondência, que vem a corroborar o que já se sabia pelo estudo das suas outras obras. A sua correspondência activa faz uso do português, do castelhano e do latim, mas não encontramos vestígios de chinês, nem tão pouco de outras línguas europeias como o italiano. A utilização de castelhano não é de estranhar, dadas as características culturais da época em que vivia,²⁸ mas convém acrescentar que Gouveia apenas o utilizou na dimensão da sua correspondência com as Filipinas (1643–1676), coincidindo com os anos em que os laços políticos entre Portugal e a Espanha se tinham quebrado a partir de 1640. Daí ter optado pelo português na carta endereçada a fr. Domingo Fernández de Navarrete em 1669. E o português foi também a língua escolhida para escrever ao seu Geral, o Padre Giovanni Paolo Oliva, em 1670. A ausência do chinês, presente nas outras obras suas, explica-se porque nenhum dos seus interlocutores conhecidos era chinês, nem a matéria tratada nas cartas o justificava.

2.1. As dimensões da correspondência com Manila

A correspondência conhecida reflecte a conjuntura da época em que foi escrita e os seus correspondentes, revelando desta maneira a rede de relações e de contactos de António de Gouveia, bem como a natureza da informação que circulava. Tal como os destinatários das missivas se circunscrevem à Ásia Oriental, tirando o Padre Geral Oliva que está em Roma, os temas versam sobre assuntos referentes à situação na China da qual é testemunha, na carta de 1647, onde menciona explicitamente «como vi de aqui [Fuzhou] con mis ojos»;²⁹ mas também como interveniente em algum caso. Daí existirem dois tópicos dominantes: o da situação na China decorrente da transição dinástica durante as décadas de 1640 e 1650; e o do contexto político e religioso no quadro do «exílio» dos religiosos católicos em Cantão entre 1666 e 1671.

²⁸ Não só dada a influência do castelhano na cultura portuguesa moderna, mas também nas estruturas da Companhia de Jesus, existindo uma certa insistência durante o século XVI e início do século XVII para a sua utilização por parte de jesuítas a laborar no Padroado Português do Oriente, onde algumas das personagens-chave eram castelhano-falantes (caso de Francisco Xavier e do seu sobrinho-neto Jerónimo Xavier); (cf. Wicki 1980: 86-95).

²⁹ Carta para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Rafael Pereira, Fochufe [Fuzhou] 17/2/1647. Archivo Provincial de Toledo de la Compañía de Jesus (Toledo, Espanha), fl. 1 (foliação nossa).

O assunto que vai marcar a primeira parte desta correspondência é o fim da dinastia Ming e a implantação da Qing. É o Padre Baldassare Cittadella quem vai iniciar a troca de informação referente a este acontecimento numa carta de 1645, escrevendo:

Sei *que* não faltarão muitos historiadores, *que* relataram a Vossa Reuerencia as muitas nouidades, que aconteceram neste anno assim dentro como fora de Casa, [...] e iuntamente dar-lhe os parabens de seus gloriosos e apostolicos traualhos em meio de tantas reuoltas, e perturbaçam de toda a China. (Padre Baldassare Cittadella 1645)³⁰

Não deixa de ser curioso o facto de o Padre Cittadella mencionar explicitamente a palavra «historiadores», justamente quando Gouveia tinha acabado de redigir a *Asia Extrema* e se preparava muito provavelmente para escrever a sua história da China. Gouveia, nas suas cartas, relata o cortejo de horrores, as ilações morais relativas à queda de um império e a soberba chinesa responsável pelo fim dos Ming, face à esperança que nutre com o advento dos manchus e da possibilidade de espalhar o cristianismo sem impedimentos. Logo na carta de 1647 para o Padre Pereira em Manila, Gouveia refere os efeitos da conquista manchu na China:

La China fuera de dos o tres prouinzas mas remotas y de menos trafago se a sugetado al Tartaro Oriental con grande facilidad [...] y si alguna[s] ciudades resistieron fue para su mayor ruina y destruccion = Porque en la ciudad S[i]mquiam [Xinjiang] de la prouinzia de oramquim [Ürüqin] por aver resistido una tarde mataron setenta mil (?) de toda suerte de gentes no perdonando a eda[d] ni sexo solo cautiuaron para sus inmundicias tres mil donzellas de las mas nobles [...]. (Padre António de Gouveia 1647)³¹

Seis anos mais tarde, em 1653, a situação estava longe de se encontrar pacificada, porque na missiva para o Padre Colín, Gouveia voltava a contar os efeitos desastrosos da presença manchu na China com revoltas, mortes e fome:

³⁰ Carta do Padre Baldassare Cittadella, Macau 14/9/1645. BA 49-V-13, fls. 261.

³¹ As «donzelas» acabaram por satisfazer o exército; cf. Carta para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Rafael Pereira, Fochufe [Fuzhou] 17/2/1647. Archivo Provincial de Toledo de la Compañia de Jesus (Toledo, Espanha), fl. 1 (foliação nossa). Julgamos que a leitura de «S[i]mquiam» [Xinjiang] e de «oramquim» [Ürümqin] é um erro do copista nas Filipinas porque nessa altura (1647) os Qing ainda não controlavam esta região.

Mucho tiene que hazer todavia El Tartaro en la conquista de este Reyno, y no sera poco conseruarse en el porque allende de no ser avn señor (por mas exerçitos que embia) de las Prouinçias de Yún nâ [Yunnan], Gueí cheù [Guizhou], Súchoen [Sichuan] Y Quán si [Guangxi]; en las demas conquistadas son muchos los que cada dia se rebelan, y no ay ya tessoros que balen para andar en cada Prouinçia Çinquenta Mil hombres con cinco o seys Mil Cauillos [...]. Hâm chéu [Hangzhou] mucha hambre. Fokien [Fujian] muchas rebueltas. Huquam [Huguang], que es grande Prouinçia toda de rebelados. (Padre António de Gouveia 1653)³²

O juízo que Gouveia faz dos «Tártaros», termo com conotações clássicas usado para designar os manchus por virem da «Tártária», é positivo no seu todo; pois mesmo quando são cometidas acções terríveis, como no caso de «Simquian» «verdad sea que por este exceso el Rey Tartaro [Shunzi, r. 1643–1661] que rezide en Pequín corto la cabeça al general y hizo bajar un grado al infante su tio que era generalissimo». ³³ Esta equidade e sentido de justiça tornaram os manchus mais aceitáveis aos seus olhos que os chineses por respeitarem os missionários:

Pero [...] comprouse toda con presteza, por lo qual todos los missioneros estan com[o] antes en sus puestos y iglesias por grande beneficio del rector y muy ac[re]ditados con los nuebos conquistadores que no son tan especulatiuos [como] los naturales [i.e., os chineses], ni tan soberbios. (Padre António de Gouveia 1647)³⁴

O tema volta a ser glosado na carta para o Padre Colín, em 1653, insistindo Gouveia na dicotomia de tratamento recebido pelos jesuítas entre os Ming e agora com os Qing.³⁵ A esperança de aumentar o número de conversões,

³² Carta para o Padre Francisco Colín, Fochou [Fuzhou] 9/9/1653. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 2.

³³ Carta para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Rafael Pereira, Fochufe [Fuzhou] 17/2/1647. Archivo Provincial de Toledo de la Compañia de Jesus (Toledo, Espanha), fl. 1 (foliação nossa), sublinhado do manuscrito.

³⁴ Carta para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Rafael Pereira, Fochufe [Fuzhou] 17/2/1647. Archivo Provincial de Toledo de la Compañia de Jesus (Toledo, Espanha), fl. 1v (foliação nossa).

³⁵ «Las nuevas de la Christiandad en este Reyno son buenas, porque estamos agora los sacerdotes y Ministros del Evangelio mas dessahogados y libres para la comunicacion de sus naturales, Predicacion del Evangelio y administracion de los sacramientos que antes quando Governauan los Chinos. Somos conozidos y respectados de los Mandarines grandes Tartaros. Nadie nos molesta ni pregunta en que ley viuiamos.» Carta para o Padre Francisco Colín, Fo-

nomeadamente a de atrair a elite manchu, é um nexo recorrente das suas cartas, nomeadamente com a sua experiência pessoal em Fuzhou e o seu ascendente com a mulher do governador local, cristã, esperando Gouveia que o marido lhe siga o exemplo.³⁶ Estamos perante um *topos* recorrente das narrativas jesuítas, o do número de conversões e também o da influência e ascendente dos padres da Companhia entre as elites, que deve ser tratado com cuidado e relativizada a sua dimensão, se não se conseguir comprovar por fontes alternativas. No caso de Fuzhou, contudo, convém acrescentar um dado interessante que corrobora parcialmente as afirmações de Gouveia, o da protecção dada à missão católica local pelo governador manchu do Fujian, Tong Guoqi [佟國器] (g. 1653–1660). Tong Guoqi foi um mecenas e apoiante dos missionários que editou e prefaciou o pequeno catecismo *Tianzhu shengjiao mengyin yaolan* [天主聖教蒙引要覽], composto por Gouveia em 1655 (cf. Standaert 2001: 445, 611).³⁷

A correspondência com Manila possui, ainda, duas dimensões relevantes. A primeira liga-se com o facto de ter decorrido após 1640, ou seja, quando se tinham quebrado os laços políticos entre Portugal e a Espanha, dando lugar a um conflito apenas terminado em 1668, pelo que boa parte desta troca epistolar (1647–1666) realizou-se quando não havia ligação oficial entre as duas partes. Como entender então esta comunicação?

O conflito político espanhol-português não cortou imediatamente as ligações existentes entre os portugueses na China, com destaque para Macau, e os espanhóis nas Filipinas, mais que não fosse por laços económicos. Por outro lado, a região onde estava Gouveia, o Fujian, tinha estreitas relações comerciais com as Filipinas, tendo o jesuíta português aproveitado a ida de comerciantes chineses para enviar cartas para os seus confrades em

cheu [Fuzhou] 24/2/1653. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fls. 1v.

³⁶ «Aquí en esta mi *Christiandad* uvo el Año passado algunas cosas de edificacion y Gloria de nuestro *señor*. El día del Patron de *España* entre en el Yamuên que quiere dezir el Palacio del Púchím su *que* es el Presidente de la *Real Hazienda*. Bautize a veynte criadas de su muger Doña Agueda bonissima *Christiana*. Y este es el Principal estoruo para la conuersion de los Tartaros. De las mugeres abra mayor cosecha quando sepamos y les platiemos en su lengua materna. Hizome el Mandarin muchos fauores, en bien de esta *Christiandad* y de la Jglesia que estoy haziendo. Diome algunas limosnas y ornamentos con mas liberalidad de la que solian los Chinos. Oyo Missa con el respecto y Reuerençia de vn Antigo *Christiano*: y como tal reza dos vezes al día delante de vna *santa* Jmagen que le dexe colocada en su oratorio: Y en la misma conformidad proçede toda su familia que es de ochenta personas.» Carta para o Padre Francisco Colín, Focheu [Fuzhou] 24/2/1653. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fls. 1v.

³⁷ Tong acabou por ser baptizado em Nanquim em 1674.

Manila a partir de 1643, tendo tido sucesso apenas em 1647 com um cristão chinês chamado «Juan», que servira anteriormente de correio a franciscanos e dominicanos espanhóis.³⁸

Aliás, pelo teor da correspondência, o eventual envio de dinheiro por via das Filipinas para a Residência de Fuzhou parece um dado assente, porque em 1677 o Padre Simão Rodrigues reconhecia agradecido que «[q]uando llegue aqui, aun hallè la mayor parte de los duçientos pesos de que *Vuestra Reuerencia* [Javier Riquelme] nos hizo Limosna, [...]»³⁹ Podemos suspeitar que António de Gouveia tenha jogado numa certa ambiguidade para obter dinheiro, sempre em falta nas missões da China, pois Filipe IV (r. 1621–1665) de Espanha continuava a declarar-se Rei de Portugal e a ter, enquanto tal, pretensões ao Padroado português. Do último temos provas, pois Filipe IV pouco tempo antes de morrer, em 1665, instruiu o Governador das Filipinas, don Diego Salcedo (1663–1668), de socorrer os «ministros evangelicos» que estavam na China, incluindo os jesuítas, apesar de querer impedir franceses e portugueses de aí ganharem ascendente e de sucederem ao Padre Johann Adam Schall von Bell, visto como seu aliado por ser «súbdito» do Imperador Leopoldo I (r. 1658–1705, Sacro Império Romano-Germânico), seu sobrinho e genro (cf. Santa Cruz 1693: 484-485; Bayle 1936: 228-229).⁴⁰ A manutenção de laços com as Filipinas justificava-se, ainda, por servir de via de comunicação alternativa com a Europa, que o próprio Gouveia se viu obrigado a usar em 1670, quando enviou uma carta para o Geral da Companhia de Jesus por meio de Manila.

Mas a segunda dimensão desta correspondência afigura-se-nos mais importante que a primeira. Trata-se da utilização das missivas de Gouveia, a par de outras de jesuítas que também chegam da China, para os seus confrades das Filipinas criarem uma espécie de cartas ânuas para consumo local, mas eventualmente também para o das suas casas na América, especialmente na Nova Espanha. Gouveia, de resto, deseja uma certa reci-

³⁸ «*christiano* por nombre Juan andubo muchos anos en estos viages en seruicio de los Padres dominicos y franciscos». Carta para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Rafael Pereira, Fochufe [Fuzhou] 17/2/1647. Archivo Provincial de Toledo de la Compañia de Jesus (Toledo, Espanha), fl. 1 (nossa foliação).

³⁹ Carta do Padre Simão Rodrigues para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Javier Riquelme, Fochu [Fuzhou] 28/10/1677. Real Academia de la Historia (Madrid), legajo 21, n.º 30, fl. 1v (foliação nossa).

⁴⁰ O rei de Espanha, Filipe IV (r. 1621–1666), considerava os franceses como inimigos e os portugueses como rebeldes por se encontrar em guerra com os dois países.

procidade na troca de novas, porque declara logo na carta de 1647 que «no nos priue *Vuestra Reuerencia* [Rafael Pereira] del consuelo y [a]legria que nos causaran las nuevas de toda esa Santa prouinzia [Filipinas] y todas que vinieren de Nueva España con toda curiosidad y claridad como es[pero] de *Vuestra Reuerencia*; [...]».⁴¹ Não podemos descartar que parte desta informação pudesse ser destinada a Roma, dada a dificuldade de as cartas seguirem pela rota marítima portuguesa, de resto confirmada pela existência da carta de António de Gouveia de 1647 no arquivo romano da Companhia. Mas há uma cópia dessa carta transcrita num manuscrito, conjuntamente com outros três documentos datados de 1647, que parece destinada a um consumo local. Dois desses documentos são missivas de jesuítas também residentes no Fujian, em Quanzhou, os padres italianos Giulio Aleni (1582–1649) e Pietro Canaveri (1596–1675), e o terceiro é uma epístola de um dos imperadores Ming do Sul (talvez Longwu, r. 1645–1646) ao Padre Sambiasi.⁴² Aqui o nexó parece ser antes a compilação de informação para se fazer uma espécie de cartas ânua. É bem conhecido o interesse que os meios religiosos da América espanhola tinham pelas actividades dos missionários na Ásia Oriental, e a existência de manuscritos e obras impressas a atestarem essa atenção, e do papel desempenhado pelas Filipinas na obtenção deste conhecimento. Esta é uma linha de investigação que deve ser seguida, em particular verificar se alguma informação proveniente de António de Gouveia foi usada por Juan de Palafox y Mendoza na sua *Historia de la conquista de la China por el Tartaro*.

Nesse sentido, aponta o facto de as cartas não serem originais, mas sim cópias feitas localmente, para poderem circular entre os jesuítas e as transcrições existentes agruparem outra correspondência proveniente da China. A reforçar a ideia de movimento de informação entre a China e Manila está também o uso feito nas Filipinas das cartas dos missionários jesuítas, nomeadamente as de António de Gouveia, por parte de autores religiosos locais. Já mencionámos o caso do jesuíta Francisco Colín, com quem Gouveia trocou correspondência e possuía afinidades intelectuais, mas o universo de

⁴¹ Carta para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Rafael Pereira, Fochufe [Fuzhou] 17/2/1647. Archivo Provincial de Toledo de la Compañía de Jesus (Toledo, Espanha), fl. 1 (nossa foliação).

⁴² Nuevas de los Reinos de China del año de 1647. University of Minnesota, James Ford Bell Library, fje, «Jesuit correspondance collection, Manchu China», s/fl. Agradecemos às autoridades da Biblioteca em apreço o envio gracioso das imagens deste documento para o seu estudo.

utilizadores destas novas inclui também autores posteriores, como o dominicano espanhol fr. Baltasar de Santa Cruz (1627–1699), o autor do segundo tomo da conhecida crónica *Historia de la Provincia del Santo Rosario de Filipinas* (1693). Nela, Gouveia aparece num episódio edificante de uma chinesa conversa à qual deu os últimos sacramentos em Fuzhou onde residia (cf. Santa Cruz 1693: 395).

2.2. O «Exílio da Babilónia» – Cantão 1666–1671

O outro conjunto forte gira em torno da estadia forçada dos sacerdotes católicos em Cantão, entre 1666 e 1671, para o qual possuímos as duas únicas cartas autógrafas de Gouveia conhecidas até agora. Por outro lado, o grosso da correspondência passiva também se concentra neste período, com relevo para os anos de 1669 e 1670. Curiosamente, se estamos relativamente bem informados quanto ao fim do «Exílio de Cantão», ainda que não a respeito do seu desenlace, a nossa epistolografia activa e passiva é muda quanto ao seu início e às razões que o originaram. As missivas agrupam-se em dois núcleos geográficos distintos, o de Cantão e o de Pequim, sendo a única intersecção verificada a que diz respeito a assuntos tratados naquela metrópole do sul da China, tendo como pano de fundo as juntas teológicas aí celebradas entre jesuítas e os padres da *Propaganda*. Mais do que o debate de pontos de vista teológicos, as cartas mostram o embate de duas personalidades – António de Gouveia e o dominicano espanhol fr. Domingos Fernández de Navarrete –, o qual acabaria com a fuga deste último para Macau em Dezembro de 1669.

São conhecidas as causas que levaram os padres católicos ao confinamento em Cantão entre 1666 e 1671 (cf. Pih 1979: 163-188), tendo o Padre Magalhães escrito um relatório sobre o ocorrido⁴³ e feito referências passageiras nas suas cartas posteriores endereçadas aos sacerdotes aí residentes. Os padres de Cantão e os de Pequim não tinham, de acordo com o testemunho escrito desses anos, ilusões quanto à situação em que se encontravam. Gabriel de Magalhães, que foi o correspondente mais activo e volumoso de Gouveia neste período, descrevia-a ironicamente nestes termos: «Estamos pois nesta Corte, nestas douradas Correntes, neste spaçoso Carcere, nesta honrada prizão, todos 3. com boa saude, [...]».⁴⁴

⁴³ *Relação em que se conta o succedido na Corte de Pekim, depois que os Padres della partirão*. BA 49-V-15, fs. 305-319.

⁴⁴ Borrão autógrafo da carta do Padre Gabriel de Magalhães, s/l [Pequim] Abril de 1667. ARSI,

Nem todos os missionários europeus a evangelizar na China foram morar forçosamente para Cantão logo em 1666, porque pelo menos um, o dominicano espanhol fr. Francisco Varo, escondeu-se no Fujian e só foi apanhado em 1669,⁴⁵ numa altura problemática para os jesuítas de Pequim quando procuravam resolver a situação dos seus confrades.⁴⁶ O interesse pela figura de Varo para nós reside no facto de ter assistido aos últimos momentos de António de Gouveia em 1677, acompanhando o seu superior D. fr. Gregorio Lopez até Fuzhou.⁴⁷

Aliás, houve vários episódios que colocaram os padres de Cantão, e também os de Pequim, em perigo durante este tempo, sobretudo quando algum acontecimento político e social de desafio ao poder imperial manchu era associado ao cristianismo. Um dos casos ocorreu logo no início do «Exílio» (1666–1667), quando uma rebelião eclodiu na província de Shanxi por obra da seita budista milenarista «Pe Liam Kiao» [Bailian Jiao, 白蓮教, Lótus Branco], em resposta a uma tributação excessiva. Os cabecilhas foram apanhados e quiseram ser agraciados pelo Mandarim que os julgou dizendo que eram cristãos, por saberem que o próprio Mandarim era favorável ao cristianismo. Como conta Magalhães, a fonte da informação, nenhum dos chefes rebeldes sabia o mínimo de doutrina cristã, nem conhecia qualquer oração, quanto mais fazer o sinal da cruz, pelo que o Mandarim que os julgou rapidamente afastou o perigo de associação entre o cristianismo e os sublevados. O Padre Magalhães aproveitou a ocasião para moralizar, como é habitual neste tipo de narrativa jesuíta, justificando a sentença capital dada

Jap. Sin., 162, fl. 169.

⁴⁵ Carta do Padre Lodovico Buglio, Pequim, 24/1/1670. BA 49-IV-62; fls. 691-692.

⁴⁶ «[...] quando da Provincia de Fokien, chega outro memorial que continha o processo da prizão do muito Reverendo Padre fr. Francisco Varo Religioso da sagrada ordem do Patriarcha Sam Domingos, que no tempo da perseguição ficou escondido naquella Provincia, o que nos causou novos medos, novas cautelas, e novas affliçoens». Carta do Padre Gabriel de Magalhães para os Padres Visitador e Provinciais de Japão e da China [António de Gouveia], Pequim 13/6/1671. BA 49-IV-62, fl. 443.

⁴⁷ «[...] en esta Jglesia dos Religiosos de Santo Domingo, es a sauer el *Reuerendo Padre* Francisco Varo, y el *Reuerendo Padre* Gregorio Lopez, ambos vicarios, aquel Vicario Prouincial de los Religiosos de Santo Domingo que está acà, y este destinado Vicario Apostolico de 6 Prouincias las principales de la China, y obispo Basilisano; a entrambos es muy de agradecer el cuidado de [ve]nir , y acudir a esta Jglesia, dejando las suyas propias, prinçipalmente al *Reuerendo Padre* fray Gregorio, y fue el que asistio a la muerte del *Padre* Antonio de Gouea, [...]». Carta do Padre Simão Rodrigues para o Provincial da Companhia de Jesus nas Filipinas, Padre Javier Riquelme, Focheu [Fuzhou] 28/10/1677. Real Academia de la Historia (Madrid), legajo 21, n.º 30, fl. 1 (foliação nossa).

aos chefes da rebelião e a servidão perpétua a que as suas mulheres e filhos foram condenados, atribuindo ao Mandarim as palavras «[...]», dizendo, *que* merecião outra morte mais rigorosa outros tormentos por leuantarem, fingindo-sse Christãos, tão grande falso, E calumnia a Santa Ley». ⁴⁸

Se a situação dos três jesuítas em Pequim foi periclitante até 1669, a dos padres em Cantão durou mais tempo e, de acordo com a informação fornecida pelo *corpus* documental apurado, estes últimos apenas souberam o que se passava por intermédio das cartas enviadas da Corte. Em Abril de 1667, o Padre Magalhães avisava os seus confrades de Cantão que o «çum tó» [zongdu 總都] regional pedira ao Supremo Tribunal dos Ritos [libu 吏部] para pagar a despesa da sua alimentação em vez de ser ele, mas o memorial fora indeferido e remetido ao Supremo Tribunal das Rendas [hubu 戶部]. ⁴⁹ Ainda segundo Magalhães, o mais prolífero correspondente para este período, o episódio desencadeado pelo «vice-rei» de Cantão em 1667 não foi um acto isolado, como se veio a descobrir em 1671. Nesse ano, Magalhães revelava aos seus confrades de Cantão a extensão das queixas apresentadas contra eles e contra os portugueses de Macau num relatório dado por «dous tartaros grandes, que por ordem do Rey [*i.e.*, Kangxi] forão vizitar os mares das provincias de Cantão [Guangdong], e Fokien [Fujian]». O perigo de associação dos padres e dos portugueses de Macau com rebeldes regressava, com o que isso representava em termos de possível resposta das autoridades Qing, porque Magalhães colocava os oficiais manchus a acusar:

os Padres *que* naquella metropoli estavam reteudos compravão com grandes moedas de ouro, e prata muito arros, e outros mantimentos *que* mandavão para fora das provincias por mar para Macao, e no modo de dizer claramente davão a entender, que os Padres mandavão mantimento a Macao, e *que* Macao os mandava aos Rebeldes, e Ladroens do mar, *que* vem a ser ao filho do Maroso, e aos seos [...]. (Padre Gabriel de Magalhães, 1671) ⁵⁰

⁴⁸ Borrão autógrafo da carta do Padre Gabriel de Magalhães, s/1 [Pequim] Abril de 1667. ARSI, Jap. Sin., 162, fl. 169v.

⁴⁹ Borrão autógrafo da carta do Padre Gabriel de Magalhães, s/1 [Pequim] Abril de 1667. ARSI, Jap. Sin., 162, fl. 169v.

⁵⁰ Carta do Padre Gabriel de Magalhães para os Padres Visitador e Provinciais de Japão e da China [António de Gouveia], Pequim, 13/6/1671, Biblioteca da Ajuda, 49-IV-62, fls. 443-443v.

Na sua longa carta-relatório de 1671, Gabriel de Magalhães fazia ainda menção a um memorial secreto entregue pelo «Cheu cum to generalissimo da provincia de Quantum [Guangdong] e Quam si [Jiangxi]», no qual pedia a expulsão pura e simples de todos os europeus da China, principalmente os portugueses de Macau, devendo o Imperador aproveitar o regresso do embaixador Manuel de Saldanha de Pequim para seguirem todos de volta para Portugal na sua companhia.⁵¹ Aliás, Buglio, Magalhães e Verbiest, já tinham informado os seus confrades de Cantão, em 1669, da parcialidade do «vice-rei» local contra os portugueses de Macau e do seu desejo de os substituir por holandeses, o que descobriram quando foram chamados ao Supremo Tribunal dos Ritos em Setembro de 1668 para traduzir uma carta em neerlandês, escrita pelo governador Joan Maetsuycker (g. 1653–1678), vinda de Jacarta com presentes.⁵² Kangxi 康熙 (r. 1662–1722) afastou a pretensão do seu representante em Cantão, mas os três jesuítas de Pequim acharam aconselhável que, dada a situação local, em «[s]egundo que os Padres, que estão em Cantão tenham muito resguardo no falar contra nossos inimigos».⁵³

Mas de Pequim começaram a chegar outras novas a partir de 1669, ligadas à matemática, à mecânica e à astronomia, que prometiam alterar a situação dos padres e do catolicismo na China. Estamos, novamente, inteiramente dependentes dos escritos dos jesuítas aí residentes: Lodovico Buglio, Gabriel de Magalhães e Ferdinand Verbiest. A viragem, segundo as longas relações enviadas para Cantão a fim de animar o espírito dos padres

⁵¹ Carta do Padre Gabriel de Magalhães para os Padres Visitador e Provinciais de Japão e da China [António de Gouveia], Pequim, 13/6/1671, Biblioteca da Ajuda, 49-IV-62, fl. 443.

⁵² «Na primeira via tambem escrevemos a *Vossa Reverencia* como aos desanove de Setembro do anno passado fomos chamados ao Lypu por ordem do Rey para tresladar huma carta dos olandezes, que mandavão ao Tutão de Cantão com hum prezente, e o rol das mercadorias, que trasião. A carta era do Axay Julhi governador de Jacatara em Lingoa Olandeza, que o Padre Verbiest tresladamos a Carta fideliter [fielmente] depois soubemos *por via de hum mandarim* do Lypu nosso amigo, *que* o Rey estranhou muito ao Sum ti, e mandarins de Cantão, *que* admittissem os olandezes em Cantão, não obstante a ordem do Rey do anno passado que ordenavão não viessem a fazer mercancia *por* isso mandou o Rey, *que* logo os mandassem, e que não viessem mais a fazer mercadorias, esta he boa nova *para* Macao.» Carta dos Padres Lodovico Buglio, Gabriel de Magalhães e Ferdinand Verbiest, Pequim 18/1/1669. BA 49-IV-62, fl. 411v, tradução de latim para português de Arnaldo do Espírito Santo. Carta dos Padres Gabriel de Magalhães, Ferdinand Verbiest e Lodovico Buglio, Pequim 18/1/1669. BA 49-IV-62, fls. 532v-533.

⁵³ Carta dos Padres Gabriel de Magalhães, Ferdinand Verbiest e Lodovico Buglio, Pequim 18/1/1669. BA 49-IV-62, fl. 532v.

aí residentes, começou quando o Imperador Kangxi tomou as rédeas do governo e terminou com a regência. O episódio é bem conhecido, sobretudo o da acareação entre os jesuítas e Yang Guangxian e o muçulmano Wu Mingxuan, a 26 de Dezembro de 1668, momento a partir do qual a posição dos padres da Companhia na corte imperial mudou, ganhando cada vez mais ascendente sobre o Imperador.⁵⁴

A consolidação da posição de Verbiest enquanto matemático e astrónomo abriu a porta a todo o tipo de esperanças, sobretudo quando Kangxi o quis nomear em 1669 «[...] Kien fo; porque como no tempo, que se imprimia não estivesse ainda o Padre escuso pello Rey de fazer mandarim [...]; porque o Padre como ja escrevemos esta livre pello Rey de ser mandarim, acção, em que o Padre edificou toda esta Corte». ⁵⁵ Gouveia, como os demais jesuítas em Cantão, parece não ter gostado muito da decisão de Verbiest, considerada apressada, porquanto na resposta que lhe endereçou o Padre Buglio em 1670, o italiano estranhou a atitude dos seus confrades e louvou a acção do flamengo.⁵⁶

O ritmo das novas de Pequim aumentou significativamente por volta de 1669–1670, com a inclusão de notícias referentes às longas audiências com Kangxi, o tratamento e as prendas recebidas do imperador, e a oferta de quadros, mapas, livros e instrumentos científicos por parte dos jesuítas. O recente ascendente de Buglio, Magalhães e Verbiest passou a envolver os padres de Cantão de duas maneiras. Uma, ligava-se com as prendas oferecidas ao Imperador e à família imperial, e aos cortesãos e burocratas

⁵⁴ Carta dos Padres Luigi Buglio, Gabriel de Magalhães e Ferdinand Verbiest, Pequim 18/1/1669. BA 49-IV-62, fls. 409-409v.

⁵⁵ Carta do Padre Gabriel de Magalhães e do Padre Lodovico Buglio, Pequim 31/10/1669. BA 49-IV-62, fl. 404.

⁵⁶ «Por huma carta que veyo, soubemos *que* os *Padres* nam tomarão a bem, *que* o Padre com tanta efficacia escuzasse do mandarinado. Com boa licença dos *Padres*, nam nos tomamos bem *que* os *Padres* reparassem em ter alcançado huma couza, *que* resulta em grande testemunho da nossa Sancta Ley, honra ainda humana nossa, livre de muitos sabios, que tem comsigo o mandarinado. Digo testemunha da Sancta Ley, *porque* com isto se prova nesse tempo principalmente, que a nossa vinda a China nam tem outro intento, *que* dilatar a Sancta Ley, nam pretendendo nenhuma honra, e riqueza humana. Digo honra humana, *porque* o Padre Fe[r] dinando agora he muyto estimado de toda esta Corte, que se tivesse tomado o *Padre* o mandarinado, que em fim he de Kien Tien hien, A cabeça de Kien Tien tem cada anno nam mais, que oitenta taeis, e doze picos de arros; o *Padre* tem cada anno cem taeis, e vinte e cinco picos de arros, fica o *Padre* livre de mas envejas. O Padre a sua vontade vay ao Ta nuien, e ao cham, sem ter a obrigação *que* traz consigo o mandarinado, fica o *Padre* livre de muitas cousas, *que* se não podem exercitar sem grande escrupulo de consciencia, como o Padre muito bem sabe.» Carta do Padre Lodovico Buglio, Pequim, 24/1/1670. BA 49-IV-62; fl. 691.

imperiais, pois a velocidade com que saíam da Residência exauria irremediavelmente as novidades europeias existentes em Pequim. A partir de 1669 as missivas da capital insistem repetidamente com os confrades de Cantão para «[e]stamos apertadíssimos; porque o Rey quer nossos brincos, e não sabemos donde puxar, e devemos muito ao Rey, o[s] brincos sejam quaes quizerem.»⁵⁷ Para além de terem de procurar prendas em Macau, onde em breve rivalizariam com a demanda por bens similares protagonizada pela embaixada de Manuel de Saldanha, os Padres de Cantão também começaram a buscar matemáticos entre as suas fileiras a pedido de Pequim. Mas não só matemáticos. Em 1669, Magalhães, requeria explicitamente em primeiro lugar:

Pedimos a Vossas Reverencias, os postos seguintes. Primeiro, que em todo cazo se vão preparando hum, ou dous *Padres* para *Mathematica* porque o *Padre* Fernando Verbiest est vnico [é único], e homem sugeito as Leys Libetina (?), e dous, ou hum para lima, e martelo. Nem se despreze Vossas Reverencias de missionarios, e de serem serralheiros, quando o esposo da Rainha do Ceo, e terra, da mayor Senhora do mundo da Virgem Maym de Deos foy macanico, e carpinteiro saibão, que estimo mais huma lima, e hum serra que as mitras e coroas dos Pontifices, e Emperadores, grande he a minha honra, he minha gloria, pois sou serralheiro de Deos, e official de Christo. (*Padres* Gabriel de Magalhães, Ferdinand Verbiest e Lodovico Buglio, 1669)⁵⁸

Gouveia parece não comungar das preocupações de Magalhães em arranjar um jesuíta versado em mecânica. Porém, na sua carta para o Padre Geral Oliva em 1670 dá continuidade ao pedido de Pequim ao requerer o envio de dois matemáticos, já que a matemática era a razão de ser e da sobrevivência da missão na China, aduzindo «e crea *Vossa Paternidade* que á sua *mathematica* [de Verbiest] se deue o ficarmos na China».⁵⁹

⁵⁷ Carta do Padre Lodovico Buglio, Pequim, 17/6/1669. BA 49-IV-62, fl. 548v.

⁵⁸ Carta dos Padres Gabriel de Magalhães, Ferdinand Verbiest e Lodovico Buglio, Pequim 18/1/1669. BA 49-IV-62, fls. 532-532v. Tradução de latim para português de Arnaldo do Espírito Santo.

⁵⁹ «O 4.º ponto he pedirmos a *Vossa Paternidade* muito affectuosamente, nos mande pera esta missam hum par de bons mathematicos, que importa muito, que não temos ca mais que o *Padre* Ferdinando Verbiest, que he insigne exemplo o deo nesta perseguição pera remedio da missam, [...]» (Carta autógrafa para o Geral da Companhia de Jesus Giovanni Giovanni Paolo Oliva, Cantão [Guangzhou] 6/3/1670. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 298).

Não deixa de ser curioso que a correspondência encontrada para esta época seja mais rica em informação sobre os acontecimentos em Pequim e menos abundante a respeito do que se passava em Cantão. Pouco sabemos dos assuntos tratados nas juntas teológicas aí reunidas pelas cartas, exceptuando-se nas que Gouveia trocou com Navarrete em 1669 e na que enviou ao Geral Oliva em 1670. Aliás, foi nesta última que Gouveia sumariou alguns dos temas abordados, nos quais participou, mais que não fosse pela sua dupla condição de Superior da Residência de Cantão e de Vice-Provincial da China, mas também a concedida pela sua experiência de trinta e três anos na China. Curiosamente, esta missiva trata muito mais do seu embate com Navarrete do que dos temas abordados nas juntas. Destes, o que teve maior destaque foi o do recrutamento e da ordenação de chineses, matéria também abordada na epistolografia com Pequim. O pragmatismo da posição de Magalhães a este respeito, em 1668,⁶⁰ possivelmente ditado pela conjuntura desfavorável aos sacerdotes europeus, contrastava com a recomendação dada por Gouveia ao Padre Oliva em 1670, aconselhando:

o 3.º ponto he sobre auer sacerdotes naturais, [...], mas a mayor parte da *Vice Prouincia* não aproua o modo, e pressa com *que* querem Chinas neophitos, porque ou sam casados, ou ueeuos, ou mancebos, tudo pouco firme, e seguro; o *que* podia ser a preposito, era fazer-se seminario de meninos chinas, *que* uão aprendendo, e bebendo de raiz a doutrina, e estillo europeu, entam sera de fructo, e effeito faze-los sacerdotes [...]. (Padre António de Gouveia, 1670)⁶¹

A esperança de regressarem às suas igrejas, que já se perspectivava em Março de 1670, pode ter ditado o aviso de Gouveia, o qual continha um remoque contra os seus confrades franceses, acusando-os de quererem apressar o processo dando já início à tradução do Breviário, Missal e Ritual para chinês. A estocada final contra os jesuítas franceses era dada contra o Padre Jacques Le Faure (1613–1675), classificado por Gouveia de ser «o que bole *com* estas, e outras traças», especialmente na ordenação de sacerdotes chineses.⁶²

⁶⁰ Carta do Padre Gabriel de Magalhães, s/l [Pequim] 15/8/1668. BA 49-IV-62, fls. 149v-153v.

⁶¹ Carta para o Geral da Companhia de Jesus Giovanni Giovanni Paolo Oliva, Cantão [Guangzhou] 6/3/1670. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 298. Sobre o recrutamento e ordenação de clero chinês veja-se Isabel Murta Pina, *Jesuítas chineses e mestiços da missão da China (1589–1689)*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau I. P., 2011.

⁶² Carta para o Geral da Companhia de Jesus Giovanni Giovanni Paolo Oliva, Cantão [Guan-

Mas o ponto fulcral da carta para o Geral da Companhia era, indiscutivelmente, Navarrete, em boa parte devido à sua fuga para Macau em Dezembro de 1669. A ligação de Gouveia com o dominicano espanhol começara em 1666, quando ficaram todos na mesma casa em Cantão, e continuaria muito depois da ida de Navarrete para a Europa. O conflito entre os dois teve como pano de fundo alguns dos ritos ditos sínicos, tendo em vista uma declaração de princípio comum às duas partes em resultado de uma dessas juntas teológicas. O assunto, que não iremos desenvolver, tem dois aspectos que interessa destacar aqui. Em primeiro lugar, o facto de fr. Domingo Fernández de Navarrete ter «descoberto» um precedente histórico para escudar a sua posição, «seguiremos ad pedam literae [ao pé da letra] lo, que dizpuso, y ordeno la Junta de Ham chéu [Hangzhou] de *Vuestras Paternidades* por el Abril de 1642. sin discrepar un punto».⁶³

Ora Gouveia não encontrou qualquer vestígio documental desta putativa junta teológica, por mais que se consultassem os arquivos e bibliotecas de Macau colocados à disposição dos debates teológicos de Cantão. Por outro lado, António de Gouveia tinha junto de si, na mesma casa, o Padre Giovanni Francesco Ferrari (1609/10–1671), o qual estivera na Residência de Ham Chéu [Hangzhou] nessa data e que não corroborou a afirmação de Navarrete.⁶⁴ O segundo aspecto a mencionar tratado com Navarrete é o problema da idade do mundo,⁶⁵ um tema caro a Gouveia e com ressonância na sua outra produção escrita, nomeadamente na *Monarchia da China*,⁶⁶ e que também,

gzhou] 6/3/1670. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 298.

⁶³ Carta de fr. Domingo Fernandez de Navarrete O.P., s/l [Guangzhou?] 29/9/1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 293. Tradução de latim para português de Arnaldo do Espírito Santo.

⁶⁴ Carta para fr. Domingo Fernández de Navarrete O.P., Cantão [Guangzhou] 3/10/1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 293v. Em ligação com a disputa tida com fr. Domingo Fernández de Navarrete, o Padre Ferrari escreveu «Compendiaria responsio ad dubitationes a r. p. Fr. Dominico Navarrete propositas seu Brevis synopsis de cultu Sinico Confuci ac mortuorum», guardado na British Library, *Add. Mss.* 16933.

⁶⁵ «ainda que o que aponta da conformidade entre nós nos annos da criação do mundo tem muita razão: e assi hà tempos, que seguimos o computo do Martirologio na Vespera do nascimento de *Christo Nosso Senhor* [...]». Carta para fr. Domingo Fernández de Navarrete O.P., Cantão [Guangzhou] 3/10/1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 293v. A declaração de Navarrete encontra-se em «Cópia de uma consulta feita entre os Padres Jesuítas em Ché Kian em Abril de 1642, trasladada por fr. Domingo Fernandez de Navarrete O.P.», Quám Tãm [Guangzhou], 1/10/1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 162; fl. 293v.

⁶⁶ «Não haja quem duide nos annos, que damos nesta Monarchia; porque se pella Vulgata Latina sam mais, pella uersam dos 70. Interpretes seguida do Martyriologio Romano, e de todos os Gregos, sam menos, ficando todos quatro mil, quinhentos e sincoenta e quatro, que damos á China do diluio pera ca, 150 de mais, em que pode auer alguã uariedade, sem peruiizo da

como já foi referido anteriormente, o ligava ao seu confrade espanhol Francisco Colín.

O acordo de princípio alcançado entre Gouveia e Navarrete em Setembro e Outubro de 1669 veio a revelar-se efémero, mesmo se o companheiro do dominicano, fr. Domingo Maria de S. Pedro, lhe tivesse dado o seu apoio.⁶⁷ A sua fuga para Macau, onde deixou a cidade em alvoroço,⁶⁸ não augurava nada de bom. Gouveia não sabia para onde se dirigia, suspeitando que podia ir tanto ter com os bispos franceses na Tailândia,⁶⁹ ou ir a caminho da Europa. Daí ter posto de aviso o Padre Geral em 1670 que podia «ir a Roma por seu agente, entam dará la a *Vossa Paternidade* bem de trabalho, porque leua seus papeis, e sua presumpção, e grande labia». Por isso, o padre António de Gouveia enviou para Roma, em 1670, os documentos comprometendo Navarrete na declaração de princípio alcançada no ano anterior, acompanhados da carta de fr. Domingo Maria de S. Pedro, e indicando que «la uam tambem nossos Tratados, *que* o confundem, e desfazem todos seus fantasticos arrezoados [...]».⁷⁰

António de Gouveia acertou quando previu o trabalho que Navarrete daria à Companhia de Jesus, mas já não estava vivo quando os efeitos do livro escrito pelo dominicano chegaram à China. Com efeito, a publicação dos *Tratados Historicos* em 1676 (Fernández de Navarrete 1676), desencadeou uma longa e viva polémica à qual o nome de Gouveia continuaria associado longos anos após a sua morte. A sua ligação derivou do acordo assinado em Cantão em 1669 e da correspondência trocada entre os dois, aparecendo tudo transcrito pela primeira vez num documento de 1680 feito em Macau e reconhecido pelo notário local Paulo Campos. Desmentir Navarrete, aproveitando o compromisso assinado com Gouveia em 1669, tornou-se premente com o agudizar da Questão dos Ritos, pelo que por volta de 1704 os jesuítas de Pequim decidiram imprimir localmente todo o conjunto do-

fee, que so admite oito pessoas com uida no diluuio.» *Monarchia da China*, fl. i-iv.

⁶⁷ Carta de fr. Domingo Maria de São Pedro O.P., Kuam chéu [Guangzhou ?] 4/10/1669. ARSI, *Jap. Sin.*, 162; fl. 294.

⁶⁸ Carta de fr. Miguel dos Anjos, governador da diocese de Macau, para o Padre António de Gouveia, Vice-Provincial da China; Macau, 18.01.1670. BA 49-IV-62, fls. 417-418v.

⁶⁹ Tratava-se de Pierre Lambert de La Motte, Bispo de Berite, pois o outro bispo francês, François Pallu, encontrava-se na Europa ou estava ainda a caminho da Tailândia nesta data.

⁷⁰ Carta autógrafa para o Geral da Companhia de Jesus Giovanni Giovanni Paolo Oliva (?), Cantão [Guangzhou] 6/3/1670. ARSI, *Jap. Sin.*, 162, fl. 297v.

cumental reunido mais de vinte anos antes.⁷¹ A meados do século XVIII, quando os Ritos Sínicos eram já uma coisa do passado, todo o processo voltou a ser copiado em Macau,⁷² fazendo ecoar as palavras escritas por Gouveia mais de cinquenta anos após a sua morte.

Considerações finais: linhas em aberto

Este breve digresso pela correspondência activa e passiva de Gouveia evidencia a importância do conjunto, mau grado ser um mundo em aberto pelas novas perspectivas sobre o homem e a sua época, e pela possibilidade de se encontrarem outras missivas que possam elucidar aspectos da sua vida e escritos. Há dois grandes pilares na epistolografia estudada. Um, o mais volumoso, ligado a Cantão, à conjuntura dos anos de 1666 a 1671. Mas tal é uma dimensão esperada por António de Gouveia ter desempenhado posições oficiais enquanto Superior da Residência e Vice-Provincial, pelo que o seu envolvimento nos assuntos e nas cartas trocadas estava implícito logo à partida. Há, contudo, um aspecto a salientar, o do longo desenvolvimento cronológico derivado do seu relacionamento com fr. Domingo Fernández de Navarrete, pois passado meio século os documentos cruzados com o dominicano espanhol continuavam a ser usados e publicados. Tal não implicava uma animosidade pessoal, nem institucional com os dominicanos, pois os companheiros de Navarrete apoiaram Gouveia na querela de 1669 e foram dois frades desta ordem, D. fr. Gregorio Lopez e fr. Francisco Varo que o assistiram nos seus últimos momentos.

O segundo pilar, pequeno em número, é talvez o mais inesperado e o que aponta para novas pistas e ligações desconhecidas. Referimo-nos às missivas para Manila, as quais indicam um novo e interessante grupo de interlocutores. Para além de mostrar a continuidade no relacionamento entre jesuítas de dois Padroados em conflito, a partir de 1640, descobrem-se elos com outros autores com os quais Gouveia partilha interesses culturais e que animam um circuito de informação entre a China e as Filipinas, o qual também pode incluir a Nova Espanha. Estas ligações insuspeitadas até

⁷¹ Cf. *Exemplar Epistolæ R. P. Fr. Dominici Nauarrete Sacri Ordinis Prædicatorum datæ Cantone 29 Septembris anni 1669. Ad R. P. Antonium de Govuea Societatis JESU V. Provincialem V. Provincæ Sinensis. Juxta originale, quod asseuatur Pekini in Collegio eiusdem Societatis*. Este folheto xilográfico pertenceu à biblioteca de Charles R. Boxer e actualmente está à guarda da Lilly Library, da Universidade de Indiana em Bloomington.

⁷² Vejam-se os documentos reunidos em BA 49-IV-62, fls. 412-417.

agora, devem ser exploradas porque esclarecem os escritos do próprio Gouveia, nomeadamente a *Monarchia da China*, mas também os de Francisco Colín, pelo menos.

Apesar de a correspondência poder vir a ser alargada com a eventual descoberta de novos documentos, o seu actual universo já é suficientemente rico e revelador para as linhas de força que acabámos de apresentar e de outras, muitas, que ficaram por dizer.

Referências

- Araújo, Horácio P. *Cartas Anuas da China (1636, 1643 a 1649)*. Lisboa: Instituto Português do Oriente / Biblioteca Nacional, 1998.
- Bayle, Constantino. S.J. *Expansión misional de España*. Barcelona: Editorial Labor, 1936.
- Bouza Álvarez, Fernando. *Portugal no tempo dos Filipes. Política, cultura, representações (1580–1668)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.
- Colín, Francisco. *Labor Evangelica, ministerios apostolicos de los obreros de la Compañia de Jesus, fundación, y progressos de su Provincia en las Islas Filipinas*. Madrid: Oficina de Joseph Fernández de Buendia, 1663.
- Colín, Francisco. *India sacra, hoc est, Suppetiae sacrae, ex utraque India in Europam, pro interpretatione facili, ac genuina. Quorumdam locorum ex Veteri Testamento qui ad huc europaeos morantur interpretes opus posthumum authore R. P. Francisco Colin é Societate Jesu theologo, cattalano Rivipullensi, olim in Philippinis insulis provinciali, et apud sacros judices fidei censore*. Madrid: Oficina de Joseph Fernández de Buendia, 1666.
- Descalzo Yueste, Eduardo. *La Compañia de Jesus en Filipinas (1581–1768): Realidad y representación*. Dissertação de doutoramento apresentada na Universidad Autónoma de Barcelona em 2015.
- Elliott, John H. *España y su mundo 1500–1700*. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

Fernández de Navarrete, fr. Domingo. *Tratados Historicos, Politicos, Ethicos, y Religiosos de la Monarchia de China. Descripcion breue de aquel Imperio, y exemplos raros de Emperadores, y Magistrados del. Con narracion difusa de varios sucessos, y cosas singulares de otros Reynos, y diferentes nauegaciones...* / Por el P. Maestro Fr. Domingo Fernandez Navarrete. Cathedratico de Prima del Colegio, y Uniuersidad de S. Thomas de Manila, Missionario Apostolico de la gran China, Prelado de los de su Mission; y Procurador General en la Corte de Madrid de la Prouincia del Santo Rosario de Filipinas, Orden de Predicadores. Madrid: en la Imprenta Real por Iuan Garcia Infançon, 1676.

García, José Manuel (Ed.). *Cartas dos jesuítas do Oriente e do Brasil 1549*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1993.

Golvers, Noël. «The 17th-Century Jesuit Mission in China and its ‘Antwerp connections’. I. The Moretus Family (1660–1700)». Em: De Schepper, Marcus / De Nave, Francine (eds.). *Ex Officina Plantiniana Moretorum. Studies over het drukkersglecht moretus. Special issue of de Gulden Passer*, n.º 74. Antuérpia: Vereeniging der Antwerpsche Bibliophielen, 1996, 157-188.

Gomes, Cristina Costa. «Novas da Corte de Pequim. Ao «correr da pena» de Tomás Pereira (1646–1708)». Em: *Colóquio/Letras*, n.º 184, Setembro-Dezembro 2013, 9-21.

Gomes, Cristina Costa. «Writing on Chinese History: António de Gouveia and the *Monarchia da China* (1654)». Em: *Orientalis Aura. Macau Perspectives in Religious Studies*, n.º 3, 2018, 17-32.

Gouveia, António de. *Asia Extrema*, vol. II. Araújo, Horácio de (ed.). Lisboa: Fundação Oriente, 2001.

Guerreiro, Fernão. *Relação anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas missões do Japão, China, Cataio, Tidore, Ternate, Amboino, Malaca, Pegu, Bengala, Bisnagá, Maduré, Costa da Pescaria, Manar, Ceilão, Travancor, Malabar, Sodomala, Goa, Salcete. Lahor, Diu, Etiópia a Alta ou Prestes João, Monomotapa, Angola, Guiné, Serra Leoa, Cabo Verde*

e Brasil nos anos de 1600 a 1609 e do processo da conversão e cristandade daquelas partes: Tirada das cartas que os missionários de lá escreveram, vol. I 1600–1603. Viegas, Artur (ed. e pref.). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.

Guerreiro, Fernão. *Relação anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas missões do Japão, China, Cataio, Tidore, Ternate, Ambóino, Malaca, Pegu, Bengala, Bisnagá, Maduré, Costa da Pescaria, Manar, Ceilão, Travancor, Malabar, Sodomala, Goa, Salcete. Lahor, Diu, Etiópia a Alta ou Prestes João, Monomotapa, Angola, Guiné, Serra Leoa, Cabo Verde e Brasil nos anos de 1600 a 1609 e do processo da conversão e cristandade daquelas partes: Tirada das cartas que os missionários de lá escreveram*, vol. II, 1604–1606. Viegas, Artur (ed. e pref.). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

Guerreiro, Fernão. *Relação anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas missões do Japão, China, Cataio, Tidore, Ternate, Ambóino, Malaca, Pegu, Bengala, Bisnagá, Maduré, Costa da Pescaria, Manar, Ceilão, Travancor, Malabar, Sodomala, Goa, Salcete. Lahor, Diu, Etiópia a Alta ou Prestes João, Monomotapa, Angola, Guiné, Serra Leoa, Cabo Verde e Brasil nos anos de 1600 a 1609 e do processo da conversão e cristandade daquelas partes: Tirada das cartas que os missionários de lá escreveram*, vol. III, 1607–1609. Viegas, Artur (ed. e pref.). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1942.

Parker, Geoffrey. *Empire, War and Faith in Early Modern Europe*. Londres: Allen Lane / The Penguin Press, 2002.

Pereira, Tomás. *Tomás Pereira Obras*, vol. I. Barreto, Luís Filipe (coord.), Espírito Santo, Arnaldo do (tradução do latim para português); Gomes, Ana Cristina da Costa; Pina, Isabel Murta; Correia, Pedro Lage (leitura, transcrição e notas). Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau I.P., 2011.

Pih, Irene. *Le père Gabriel de Magalhães, un jésuite portugais en Chine au XVII^e siècle*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1979.

- Pina, Isabel Murta. *Jesuítas chineses e mestiços da missão da China (1589–1689)*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau I. P., 2011.
- Rocha, Andréa Crabbé. *A epistolografia em Portugal*, 3.^a edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- Santa Cruz, fr. Baltasar de. *Tomo segundo de la Historia de la Provincia del Santo Rosario de Filipinas, Iapon, y China del Sagrado Orden de Predicadores*. Zaragoza: Oficina de Pascual Bueno, 1693.
- Standaert, Nicolas. *Handbook of Christianity in China*, vol. I, 635–1800. Leiden / Boston / Köln: Brill, 2001.
- Wicki, Joseph. «La lengua castellana en la India portuguesa del Siglo XVI». Em: Torre Villar, Ernesto de la (ed.). *La expansión hispanoamericana en Asia siglos XVI y XVII*. México: Fondo de Cultura Económica, 1980, 86–95.